

Carta sobre Escrita – 22

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

O Prémio Camões 2023 foi atribuído a João Barrento, “ensaísta e tradutor de referência, crítico literário, cronista”. Vejamos: o Prémio Camões é um “prémio literário”, mas da síntese acima não consta que João Barrento se tenha afirmado enquanto escritor como poeta, ficcionista ou algo da mesma natureza. Ensaio sobre literatura, crítica literária, tradução de obras literárias, incluindo poesia, são, portanto, formas de escrita nobres o suficiente para merecerem o maior prémio literário da língua portuguesa. Impõe-se afirmar isto para começar, apenas para começar.

Porque existe um outro lado desta dimensão que importa nunca esquecer: é da maior importância para qualquer autor ler “sobre” a escrita.

Já o dissemos aqui: escrever começa por ler. Por ler poesia, por ler ficção. Mas também, dizemos hoje, por ler “sobre” poesia, “sobre” ficção, “sobre” tradução.

Se alguém quer ser poeta, precisa de ler sobre poesia. Se pretende escrever ficção, como pode ignorar tanto que tem sido escrito sobre a ficção? Se pretende fazer tradução...

João Barrento é um mestre, por isso tanto se pode aprender com ele. Talvez fosse oportuna uma viagem, mesmo que breve, sobre o muito que de João Barrento está disponível nas prateleiras das livrarias e das bibliotecas. Mas isso pode, com facilidade, ser consultado na internet. Não vamos por aí. O que pretendo afirmar é mais simples e decerto mais importante aqui. Um jovem autor africano precisa de ler “sobre” a literatura do seu país, precisa de conhecer o que existe escrito “sobre” a literatura onde pretende inscrever o seu nome. E sobre as outras literaturas na mesma língua.

Moema Parente Augel com “A Nova Literatura da Guiné-Bissau” (1998)...

Inocência Mata com “Polifonias Insulares: Cultura e literatura de São Tomé e Príncipe” (2010)...

Alice Giroto com “Pesadelos, Excessos, Utopias: A representação do poder em Angola entre literatura e artes visuais”...

ou, bem mais velho e quase inacessível no mercado, Manuel Ferreira com “Literaturas africanas de expressão portuguesa” (2 vols., 1977)...

são exemplos, apenas exemplos, do que está aí disponível para se poder entrar nos vários mundos do mundo de que os jovens autores africanos querem fazer parte. Não é aconselhável desconhecer os companheiros de viagem e, sobretudo, desprezar o que só com eles se pode aprender sobre a expressão literária de cada um dos países.

E Moçambique? E Cabo Verde? Pois... Se não tenho uma porta por onde possa entrar nestas literaturas com tanto poder já afirmado, fico de fora, mesmo que tenha acesso a um ou outro dos seus autores. Uma árvore não é a floresta.

Além disso, João Barrento mostra-nos, com o seu trabalho, muito elogiado mesmo antes do prémio acima referido, que a escrita pode ser sobre a obra de outros escritores e pode ainda

ser tradução, no caso para a língua portuguesa, de obras que de outro modo ficariam inacessíveis a quem não domina as línguas de origem.

Há todo um mundo de trabalho que precisa de ser feito, portanto à espera de quem o possa fazer, de preferência de modo qualificado.

Mas o que aqui importa sublinhar é a aprendizagem decisiva – “decisiva” é aqui uma palavra justa – que se pode e deve fazer pela leitura, ou melhor, pelo estudo, de obras “sobre” a literatura de cada país. Quem ainda não o fez está em falta, antes de mais consigo mesmo, depois para com o oceano literário onde se pretende lançar à água. Se não ler, é mais fácil morrer afogado... na irrelevância.

Outubro de 2023

José A. Jana